

A DIFUSÃO DAS IDEIAS DE MCLUHAN NO BRASIL

LA DIFUSIÓN DE LAS IDEAS DE MCLUHAN EN BRAZIL

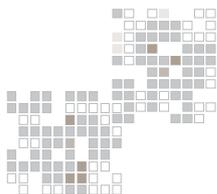
MCLUHAN'S IDEAS DIFUSION IN BRAZIL

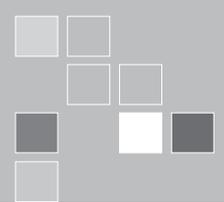
José Marques de Melo

■ Professor Emérito da USP e Diretor-titular da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação.

■ E-mail: marquesmelo@uol.com.br

130





RESUMO

Marshall McLuhan desempenhou papel singular no panorama das ideias que marcaram a fisionomia do século XX. Suas teses sobre a revolução causada pela mídia na educação e nas relações sociais repercutiram fortemente no Brasil. O autor resgata historicamente a difusão do pensamento mcluhaniano em nosso país, evidenciando o pioneirismo nordestino nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: PENSAMENTO COMUNICACIONAL; IDEIAS INOVADORAS; VANGUARDISMO PERNAMBUCANO; MCLUHAN; BRASIL.

RESUMEN

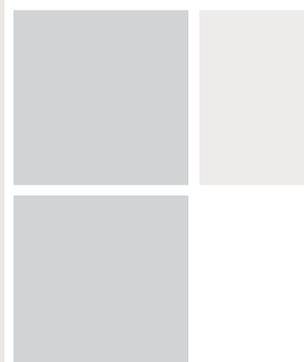
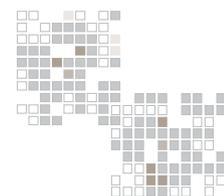
Marshall McLuhan desempeñó un papel singular en el panorama de las ideas que marcaron la fisonomía del siglo XX. Sus tesis sobre la revolución causada por los medios en la educación y en las relaciones sociales repercutieron fuertemente en Brasil. El autor rescata históricamente la difusión del pensamiento mcluhiano en nuestro país, evidenciando el pionerismo nordestino en ese proceso.

PALABRAS CLAVE: PENSAMIENTO COMUNICACIONAL; IDEAS INNOVADORAS; VANGUARDISMO PERNAMBUCANO; MCLUHAN; BRASIL.

ABSTRACT

Marshall McLuhan played a unique role in the scenario of the ideas that marked the semblance of the XXth Century. His theories on the revolution caused by the media in education and in social relations had strong repercussions in Brazil. The author redeemed historically the dissemination of McLuhanian thinking in our country, evidencing the Northeastern pioneering in this process.

KEYWORDS: COMMUNICATIONAL THINKING; INNOVATIVE IDEAS; PERNAMBUCO VANGUARDISM; MCLUHAN; BRAZIL.



Legado do profeta

Transcorreu, no dia 21 de julho de 2011, o centenário de nascimento de Marshall McLuhan, o teórico da comunicação que mais controvérsias criou no século XX. Canadense, nascido na cidade de Edmonton, Alberta, estudou Humanidades na Universidade de Manitoba, Canadá, fazendo mestrado e doutorado em Cambridge, Inglaterra, na área de Letras. Iniciou sua carreira docente, lecionando na Universidade de Wisconsin, EUA, retornando depois ao Canadá; passou por Windsor para ficar em Toronto.

Sua estréia como escritor deu-se em 1951, publicando uma obra instigante “The mechanical bride” (“A noiva mecânica”). Mas sua consagração intelectual só se daria em 1962, com o aparecimento do impressionante “The Gutenberg Galaxy”, atingindo o auge quando circula em 1964 o intrigante “Understanding man – the extensions of man”. Integram sua bibliografia de referência dois livros produzidos em parceria intelectual; o primeiro com Edmund Carpentier – “Explorations in communications” (1960) - e o segundo com Quentin Fiore - “The Medium is the message” (1969).

Muito mais divulgadas do que entendidas ou assimiladas, as ideias de McLuhan ganham repercussão mundial, conduzindo-o ao *hall* da fama. Ungido pela mídia como “profeta da comunicação”, recebe do Vaticano uma espécie de indulgência beatificadora, quando é nomeado pelo Papa Paulo VI para integrar a Pontifícia Comissão de Comunicação Social. Ele se torna consultor de empresas e de instituições, cobrando cachês altíssimos, revertidos para a constituição de fundo destinado a manter o Instituto McLuhan. Transformada em Meca dos comunicólogos, Toronto vem sendo alvo de atenção pelos jornalistas da aldeia global, neste ano de romaria para comemorar o centenário do mestre.

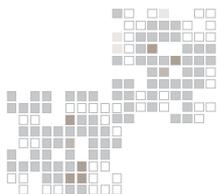
A primeira obra de McLuhan, fruto do seu amadurecimento cognitivo, trata do folclore da era

industrial, valendo-se de fontes selecionadas em jornais, revistas, quadrinhos, campanhas publicitárias, além de outros veículos de comunicação de massa.

Embora faça a defesa da cultura resultante do “noivado” entre o homem e a tipografia, não se pode deixar de reconhecer que se trata de obra precursora da Folkcomunicação, disciplina que Luiz Beltrão desbravou, na década de 60 em nosso país. A tese de McLuhan ancorava-se na evidência de que a emergente “cultura de massa” era filha legítima da “cultura popular” ianque. Tratava-se de uma mescla de símbolos amalgamados pelos colonos ingleses e de ícones introduzidos pelos imigrantes que aportaram nos territórios situados “acima do Rio Grande”, procedentes de todas as partes do mundo, durante o período de industrialização.

Identificando uma nova fase do processo civilizatório, o intelectual canadense confronta as tradições rurais (folk) conservadas pelos descendentes dos colonos ingleses, no meio-oeste norte-americano, por ele vivenciadas, quando deu início à sua vida acadêmica em Wisconsin, com a empiria existencial da cultura urbana (pop) da fabril cidade de Toronto, onde se fixou em definitivo. Esse cruzamento foi naturalmente purificado através da aculturação compulsória resultante do sistema educativo formal instituído pelas nações emergentes das guerras da independência (EUA e Canadá), cujos laços com a matriz inglesa foram taticamente mantidos. Tanto assim que McLuhan refinou-se intelectualmente com a erudita formação britânica (cult) que assimilou em Cambridge, aplicando-a na análise desta e de outras questões.

O rótulo inicial com que ele batiza o fenômeno é “folklore of the industrial man”, para mais tarde adotar a etiqueta “global village”, vislumbrando o complexo pós-industrial gerado pela exportação dessa cultura híbrida *made in USA* para todo o planeta. (Marques de Melo, 2008, p. 39-45). Na visão de Mattelart (1995, p. 108), ele renega sua



No Brasil, a inventividade de McLuhan, proclamada estrategicamente pelo viés metodológico, teve como arauto precoce o sociólogo Gilberto Freyre, antes mesmo da sua “descoberta” pelos acadêmicos do “sul maravilha”.

crítica benevolente à cultura de massa para adotar uma espécie de “determinismo otimista” embutido na ideia da “aldeia global”.

Fundamentadas nas ideias de Harold Innis sobre a centralidade da comunicação na dinâmica histórica, as hipóteses construídas pelo pensador de Toronto ganham corpo e conquistam difusão mundial através das obras posteriores. Desde o livro que focaliza a “galáxia de Gutenberg” (1962), matizado pelo volume dedicado às “extensões do homem” (1964), McLuhan formula sua provocante metáfora – “o meio é a mensagem” (1967).

Desembarque em Apipucos

No Brasil, a inventividade de McLuhan, proclamada estrategicamente, pelo viés metodológico, teve como arauto precoce o sociólogo Gilberto Freyre, antes mesmo da sua “descoberta” pelos acadêmicos do “sul maravilha”, como diriam os poetas do cancionário popular nordestino. Impressionado com a sua ousadia, ao privilegiar “anúncios de jornal” como embasamento empírico das suas “explorações” teóricas, não é sem razão que o “solitário de Apipucos¹” o caracteriza, já em 1961, como praticante de uma técnica de pesquisa social que ele vinha testando, no espaço pernambucano, desde os anos 30, inspirado no modelo que Pereira da Costa introduziu na historiografia brasileira, desde o final do século XIX.

Seduzido pela façanha inovadora que lograra McLuhan, sem provocar o patrulhamento que ele sofrera aqui no país, no princípio de sua trajetória intelectual, o já consagrado Gilberto Freyre tem

1 Apipucos é o bucólico bairro onde viveu o sociólogo Gilberto Freyre, porto seguro em que se refugiava depois de suas incursões forâneas, isolando-se da comunidade que o cercava para escrever seus livros.

a chance de compartilhar a precedência da exploração metodológica, com seu colega de fama, durante congresso internacional em que os dois escritores se encontram, em Paris. Numa espécie de estratégia legitimadora, fruto do clima empático iniciado em solo francês, no início dos anos 70, mas certamente cultivado pela via epistolar, o “solitário de Apipucos” não deixa de alçar o “viajante de Toronto” à vanguarda da “Anunciologia”, disciplina científica que ele dizia haver fundado pioneiramente na década de 30².

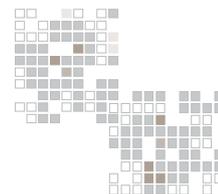
Tais fatos estão devidamente documentados nos textos introdutórios que Gilberto Freyre escreveu para a primeira edição (a obra foi concluída em 1961, mas lançada somente em 1963, pela Imprensa Universitária do Recife) e revisado para a terceira edição (lançada em São Paulo pela Editora Nacional, 1979) do livro “O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX”.

Escala na rua do Príncipe

Influenciada por Gilberto Freyre, a difusão das ideias de McLuhan ganhou força em Pernambuco logo no início dos anos 60. Recordo que as primeiras referências anotadas em aula circularam no Curso de Jornalismo da Universidade de Pernambuco, graças ao cosmopolitismo do seu fundador, Luiz Beltrão.

Certamente, na palestra que Gilberto Freyre proferiu em 1963, na abertura do I Curso Nacional de Ciências da Informação, tratando do uso das matérias jornalísticas como fonte de pesquisa

2 O prefácio à 2ª. edição, datado de 1978, refere-se à Anunciologia como “microantropologia” ou “microssociologia”, lembrando que “mereceria a especialíssima atenção de um discípulo de (...) um McLuhan a quem, em recente contato em Paris, aludi ao assunto, tendo ele se interessado pelos estudos brasileiros a esse respeito”.



científica, a questão foi ventilada. Sua desinibida atitude de reivindicar publicamente o vanguardismo intelectual o impulsionava a reiterar aquela proclamação. Só mesmo uma acurada investigação documental pode confirmar essa hipótese.

O fato é que McLuhan já constituía objeto de polêmica no Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, em Quito, Equador, onde fiz pós-graduação em jornalismo (1965). Tomei parte nessas tertúlias andinas municiado pelos fragmentos discursivos disseminados nas salas de aula da rua do Príncipe³.

Luiz Beltrão só documentou sua familiaridade com a obra de McLuhan, em 1967, quando escreveu o artigo “A galáxia de Gutenberg e de McLuhan” para a edição n. 2/3 da revista *Comunicações & Problemas*, que só veio a circular no ano seguinte, por razões institucionais. Ali, o mestre revela seu conhecimento das ideias de McLuhan, enfeixadas no livro sobre a galáxia gutenberiana, bem como sobre as antecipações contidas na obra anterior, tratando da noiva mecânica.

Ele, assim, contextualiza sua visão do legado mcluhaniano:

As idéias de McLuhan não provocam tantos debates na Europa como nos Estados Unidos, talvez devido ao fato de que há poucas versões dos seus livros, conhecendo-se apenas excertos e conceitos básicos. Pelo menos em espanhol e português, não nos consta tradução, seja da ‘Galáxia’ (único que conhecemos no original (...), seja de ‘Understanding Media’ ou ‘The medium is the message’. (...) Negado por uns, para os quais depois de resistir às seduções da ‘Noiva Mecânica’ (a Tipografia) deixou-se apaixonar pelas ‘perversidades da sua progênie eletrônica’, esquecendo a moral em favor da técnica, a sua obra é, contudo, reconhecida por outros como um autêntico filósofo da nova era, um restau-

rador até da verdadeira cultura que a revolução tipográfica liquidara. (...) A tese de McLuhan é a de que as mudanças nas interações humanas e na estrutura social que delas se origina foram e vem sendo promovidas e precipitadas pela evolução dos meios de comunicação. (Beltrão, 1968, p. 5 - 6).

Impacto inicial

Prova cabal do impacto causado pelas ideias de McLuhan na vida pernambucana é a reportagem de página inteira que Tereza Lúcia Halliday, discípula de Luiz Beltrão, publica no caderno dominical de cultura do *Diário de Pernambuco*, no dia 14 de janeiro de 1968.

A matéria é intitulada “Marshall McLuhan estuda um vilarejo chamado mundo”. Seu objetivo é socializar o pensamento do escritor canadense, já então rotulado como “escandaloso tagarela”, e por isso mesmo promovido a “Freud das ciências sociais”, “Platão do pop” ou “Splenger da era eletrônica”.

Halliday faz exercício idêntico ao do mestre Beltrão no artigo já referido, procurando trocar em miúdo suas ideias para o público jovem, através de sínteses lineares da espiral dos conceitos esboçados em cada livro publicado. Em nota de rodapé, ela inclui tópico pitoresco, noticiando a morte anunciada de McLuhan.

Vale a pena reproduzi-lo, pela menção que faz ao autor deste artigo.

Esta reportagem já estava composta quando tivemos notícia, através do prof. José Marques de Melo, de São Paulo, de que McLuhan havia morrido. O próprio professor Marques não sabe de que fonte veio a informação. ‘Soube de boca, em Brasília’, disse-me. Se é verdade não podemos constatar porque nosso Nordeste ainda está na Galáxia de Gutenberg e muita coisa do acervo de informações da Humanidade não nos chega, apesar dos teletipos e ‘tapes’ de TV. Se é boato, torna-se matéria de estudo do próprio

³ Rua do bairro da Boa Vista, na cidade do Recife, onde vem funcionando, há 50 anos, o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

McLuhan, que constatará o vilarejo chamado Mundo é mesmo um povoado fofoqueiro. Seja como for, a mensagem de McLuhan tornou-se um meio de pensar nessas coisas, e sendo 'cool' não será a morte de seu autor que a fará desaparecer (Halliday, 1968).

A verdade é que o “boato” brasileiro não passou de uma “barriga” jornalística. Nem sim, nem não, antes pelo contrário. A “fofoca” que circulou em todo o planeta fora motivada pela hospitalização imprevista de Marshall McLuhan, depois de receber um diagnóstico médico indicando que ele era portador de um tumor no cérebro. Submetido a cirurgia de emergência recuperou-se lentamente, tendo uma sobrevivência de mais de dez anos.

Seu óbito só viria a acontecer no último dia do ano de 1980, convertendo-se em notícia na mídia de todo o planeta. Nunca um intelectual merecera necrológio tão extensivo quanto o “profeta de Toronto”. Talvez esse acontecimento midiático globalizado possa ser comparado, embora em dimensão nacional, ao necrológio do seu “descobridor” brasileiro, Gilberto Freyre, falecido em Apipucos vinte anos depois. A diferença é que o mago canadense “dobrou o cabo das tormentas” na passagem do ano, depois de uma luta tenaz para superar o derrame cerebral que o imobilizava há um ano.

Por sua vez, o sociólogo pernambucano “atravessou o cabo da boa esperança” no ano 2000, ou seja, no “fim do século”, como diriam os megalômanos radialistas que outrora “falavam diretamente para o mundo” ou no “fim do milênio”, como anunciariam os exegetas locais portadores do “complexo da pitomba”⁴.

Embora nunca tenha proclamado, Luiz Beltrão teve um papel importante na difusão nacional das

ideias de McLuhan. Trocando o marítimo porto recifense para viver no entroncamento aeroviário em que se converteu Brasília, ele deu continuidade às explorações em torno da fortuna cognitiva de McLuhan nos livros e artigos publicados e nas conferências proferidas. Tomando como referência dois livros dos anos 70, teremos indicadores suficientes para comprovar.

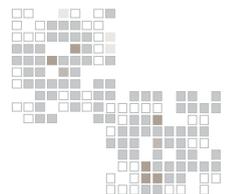
Em *Sociedade de massa, comunicação e literatura* (1972, p. 50), Luiz Beltrão faz uma erudita revisão do conceito de sociedade de massa, nela destacando o papel crucial desempenhado pelos meios de comunicação de massa como aceleradores do desenvolvimento industrial. Nesse contexto, situa a contribuição de McLuhan, especialmente sua “teoria da transformação do mundo numa aldeia global”, considerada uma “realidade incontestável”.

Embora nunca tenha proclamado, Luiz Beltrão teve um papel importante na difusão nacional das ideias de McLuhan.

De certo modo, contagiado pelas novas ideias que circulavam na comunidade acadêmica, naquela época, Beltrão dá um passo adiante na ideia de um mundo integrado pela mídia, vislumbrando três sistemas de comunicação na sociedade que se avizinha. Além do sistema de comunicação social (mass communication) e do sistema de comunicação popular (folk communication), interagindo organicamente no espaço da “aldeia global”, ele “profetiza” uma esfera comunicacional interplanetária. Exercitando a mesma ousadia intelectual de McLuhan, o mestre pernambucano vislumbra a integração desses sistemas “terrenos” a um sistema “galático”, denominado exobiocomunicação. (Beltrão, 1977, p. 130-137).

Em que consiste esse mega-sistema? Beltrão adverte que não está navegando em águas oníricas da ficção científica, tampouco enveredando pelo território mediúnico da psicografia, mas ancora-

⁴ Sentimento de pernambucanidade radical que alimenta atitudes extremas, como aquela do cidadão que recebeu um telefonema anunciando que estava próximo o fim do mundo. Ele prontamente reagiu: só acredito quando a notícia for publicada no Diário de Pernambuco.



do em evidências catalogadas pela astronomia. Apesar de fragmentados e episódicos os dados acumulados sinalizam a existência de seres interplanetários, inteligentes, tentando comunicar-se com os habitantes do planeta terra.

Entretanto, Luiz Beltrão ficou sem perceber a natureza folkmediática do livro sobre a noiva mecânica, justamente por não ter tido acesso ao original em inglês. Conhecendo-o pela leitura de terceiros, dimensionou tão somente o entorno cultural do processo, sem atentar para os fluxos constitutivos. O foco da pesquisa de McLuhan está na retroalimentação (feedback) dos conteúdos midiáticos pelos movimentos sociais, enquanto Beltrão se interessou pela estudo da decodificação das mensagens midiáticas pelos líderes de opinião, traduzindo seu significado para a linguagem própria das comunidades de usuários periféricos dos meios.

Mesmo antes de conhecer *The Mechanical Bride* (o que só tive a possibilidade de fazer em 1973, durante o programa de pós-doutorado na Universidade de Wisconsin, onde McLuhan principiara sua carreira docente, nos idos de 1936), a compreensão que tinha do processo de folkcomunicação dimensionava múltiplos fluxos interativos – intra (folclórica), inter (folkcomunicacional), retro (folkmediática) e trans (folkliterária). Por isso, ao organizar, em 1971, a antologia *Folkcomunicação*, publicada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo, selecionei textos que exemplificavam todas essas categorias – intra (“Cem ditados rurais paulistas” – Hernani Donato), inter (“O ex-voto como veículo jornalístico” – Luiz Beltrão), retro (“Papai Noel Supliciado” – Claude Lévi-Strauss) e trans (“A arte popular no Brasil” – Ariano Suassuna).

Confesso que só me senti seguro para desenvolver essa compreensão alargada do processo folkcomunicacional depois de ler a obra seminal do pensamento mcluhaniano, nos EUA, em 1973. Pouco antes, sob o impacto das suas ideias sobre Gutenberg, em várias ocasiões mediadas por Luiz Beltrão, escrevi minha tese de doutorado sobre os

fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Meu livro, *Sociologia da Imprensa Brasileira* (1973), registra esse gratificante diálogo.

Mas só tive oportunidade de explicitar o âmbito territorial da folkcomunicação na arena globalizada no recente livro *Mídia e Cultura Popular* (2008). Ali, demonstro empiricamente como os agentes folkmediáticos rompem os grilhões que os acorrentavam à aldeia primitiva e conquistam espaço na ciber-aldeia preconizada por Marshall McLuhan.

Se Gilberto Freyre e Luiz Beltrão tiveram o privilégio de introduzir as ideias de McLuhan em Pernambuco, esse papel foi desempenhado no Brasil por Anísio Teixeira, Lauro de Oliveira Lima, Sérgio Augusto e Decio Pignatari. Várias outras pessoas se encarregariam da etapa seguinte.

A obra de McLuhan começa a circular em nosso país com a tradução da coletânea *Revolução na Comunicação* (1968) que inclui 3 textos de sua autoria, o primeiro dos quais suscitou muito interesse pela crítica contundente que faz à escola, cujas paredes separam aprendizagem e diversão, ou melhor, a transformam numa instituição ineficaz.

No ano seguinte, aparece *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1969), livro conhecido como revolucionário e desmistificador, traduzido por Decio Pignatari. Mas seu livro-chave *A Galáxia de Gutenberg* (1972) veio apadrinhado por Anísio Teixeira. Finalmente, foi lançado *O meio é a mensagem*, escrito em parceria com Quentin Fiore (1971).

O jornalista Sérgio Augusto abasteceu a vanguarda intelectual do país de informações sobre as ideias e a obra de McLuhan, tanto publicando matérias nos cadernos dominicais e revistas culturais quanto colaborando em projetos destinados ao mundo acadêmico. O artigo e o verbete que ele publicou na edição da revista *Tempo Brasileiro* dedicada ao tema “comunicação e cultura” atestam o conhecimento que ele acumulara sobre o profeta de Toronto. (Augusto, 1969, p. 90, 172).



Decio Pignatari (1971, p. 64) diz que o livro por ele traduzido “tem o condão de irritar (...) os intelectuais e artistas de *linha francesa* e os ansiosos do chamado *conteúdo*”, porque foi escrito por um “estruturalista pragmático”. Por sua vez, Anísio Teixeira (1972, p. 13) atribui ao autor a virtude de ser “um dos mais autorizados videntes da nova era”.

Na verdade, o maior entusiasta das ideias de Marshall McLuhan foi o educador Lauro de Oliveira Lima, autor do ensaio didático *Mutações em educação segundo McLuhan* (1971), várias vezes reeditado e que “fez a cabeça” de toda uma geração

de professores, sem conseguir abalar os alicerces da escola brasileira.

Consciente disso, Lauro questionava seus interlocutores: “Mas terá sentido, num país subdesenvolvido, tomar como meta a reflexão vinda (McLuhan) de uma civilização pós-industrial como a americana?” Ele perguntava por dever de ofício. Porém não se iludia: “Mas até que estas novas dimensões do fenômeno educativo se tornem a matriz reflexiva dos responsáveis pela educação da juventude, muito tempo ainda se passará.” (Oliveira Lima, 1971, p. 59).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO, Sergio. Vocabulário de comunicação e cultura de massa – I. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 19/20, p. 172-176, 1969.
- BELTRÃO, Luiz. A Galáxia de Gutenberg e a de McLuhan. *Comunicações & Problemas*, Recife, v. 3, n. 2/3, p. 5-10, 1968.
- BELTRÃO, Luiz. *A sociedade de massa: comunicação e literatura*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BELTRÃO, Luiz. *Teoria geral da comunicação*. Brasília: Thesaurus, 1977.
- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 3ª. ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- HALLIDAY, Tereza Lúcia. Marshall McLuhan estuda um vilarejo chamado mundo, *Diário de Pernambuco*, Terceiro Caderno, p. 13, 1968.
- ICINFORM. I Curso Nacional de Ciências da Comunicação. *Comunicações & Problemas*, v. 1, n. 2, p. 109-111, 1965.
- MANZANO, Rodrigo. Ele estava certo. *Meio & Mensagem*, São Paulo, 18 jul., 2011.
- MCLUHAN, Marshall. *The mechanical bride*. Boston: Beacon Press, 1951.
- _____. *Revolução na comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Cia Ed. Nacional/Edusp, 1972.
- _____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. *O meio é a mensagem*. [escrito em parceria com Quentin Fiore]. Rio de Janeiro: Record; 1971.
- MARQUES DE MELO, José. *Folkcomunicação*. Revista da ECA-USP, São Paulo, 1971.
- _____. *Sociologia da imprensa brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. *Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *Mídia e Cultura Popular*. São Paulo: Paulus, 2008.
- MATTELART, Armand. *La invención de la comunicación*. Barcelona: Bosch, 1995.
- OLIVEIRA LIMA, Lauro. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PIGNATARI, Décio. *Contracomunicação*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- TEIXEIRA, Anísio. Prefácio. In: McLuhan, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Nacional, 1972.

